

Capítulo 1

Sentada em um banco de pedra no Parque das Árvores, Natália observava a geada cobrir os campos ao redor de Campo Belo. Durante o inverno, os moradores costumavam brincar que o nome da cidade deveria ser Campo Branco. Branco como gelo. Apesar do frio, Campo Belo era o único lugar onde Natália realmente se sentia em casa. Nascera ali e jamais pensara em viver em outro lugar. Sorriu ao se lembrar de uma brincadeira que a mãe costumava fazer:

— Antes de sair de Campo Belo, você ainda vai namorar todos os homens da cidade.

A previsão passou longe de se cumprir. Nenhum homem despertara seu interesse. Agora, aos vinte e nove anos, finalmente compreendia o motivo. O problema nunca foram eles. Era ela. Sempre fora solitária. (Será que esse desejo de ficar sozinha nasceu das brigas entre meus pais, às quais eu assistia apavorada e calada? Das noites em que meu pai chegava bêbado e acabava agredindo minha mãe?) Ela jamais entendera por que a mãe suportara aquilo durante tantos anos. Na última vez em que presenciou uma daquelas cenas, porém, já não era mais uma adolescente assustada. Já era policial. Ao ver os hematomas nos braços da mãe e a marca arroxeadada em seu rosto, foi procurar o pai. Mikael estava sozinho na varanda da antiga casa da fazenda da família. Natália respirou fundo e sentou-se ao lado dele. Falou com a firmeza de quem interrogava um criminoso:

— Por que o senhor bateu nela?

— Não me lembro de ter feito isso.

— Foi porque estava bêbado? Ou existe outro motivo?

Mikael voltou-se para a filha, indignado. Para ele, ela não

tinha o direito de questioná-lo. Era apenas sua filha. Mas, quando encontrou o olhar firme de Natália, permaneceu em silêncio. Havia algo diferente nela. Natália repetiu:

— Eu fiz uma pergunta.

Ele desviou os olhos para a paisagem. Recusava-se a responder. Natália inclinou discretamente o corpo em sua direção. Sua voz saiu baixa, firme, sem qualquer emoção:

— Neste momento, eu não sou sua filha.

Fez uma breve pausa.

— Sou policial.

Outra pausa.

— Exijo uma resposta. Ou prefere responder na delegacia?

Mikael nunca respondeu. Também nunca mais levantou a mão contra a esposa. As marcas desapareceram do corpo da mãe. As de Natália permaneceram na alma. O parque ainda estava vazio. A névoa envolvia árvores, jardins e trilhas como um véu branco. Foi então que Natália percebeu o vulto de um homem caminhando em sua direção. Ele parou ao lado dela e permaneceu alguns segundos contemplando a paisagem.

Depois comentou:

— Que lugar bonito... Se eu fosse pintor, passaria dias tentando colocar essa paisagem numa tela.

Natália sorriu.

— Não seria mais fácil tirar uma fotografia?

— Uma pintura obriga a gente a conhecer cada detalhe daquilo que está vendo.

— O senhor é de onde?

— Do Rio de Janeiro. E a senhora? É daqui?

— Desde que nasci.

— Que privilégio.

Ela sorriu.

— Até parece que aqui tem praia.

Ele voltou os olhos para o parque.

– Um lugar não precisa ter mar para ser bonito.
(Aquilo foi uma cantada?) Não parecia. E, curiosamente, ela também não se sentiu incomodada. O homem consultou o relógio.
– Acho que já vou.
Fez uma pequena pausa.
– Desculpe interromper sua paz.
Despediu-se com um leve gesto e continuou caminhando pela trilha. Natália o acompanhou com os olhos até que desaparecesse entre a névoa. Depois esticou as pernas sobre o banco de pedra e sorriu discretamente. (O estranho tinha razão. Aquele parque era realmente lindo.)

Assassinatos eram raros em Campo Belo. Até aquele ano, a equipe jamais investigara um caso semelhante. Três mulheres haviam sido assassinadas em menos de doze meses. Os corpos foram encontrados próximos às casas de familiares, sempre escondidos em sacos de lixo ou baús. A pequena cidade agora convivia com algo que seus moradores acreditavam existir apenas nos filmes americanos. Um assassino em série. A delegada Elisa comunicou ao comando da Polícia Civil, em Curitiba, as dificuldades enfrentadas pela equipe. A delegacia não dispunha de estrutura nem de experiência para conduzir uma investigação daquela complexidade. Quando o terceiro corpo foi encontrado, o caso ganhou repercussão estadual. Naquela mesma tarde, veio a resposta: a Polícia Civil enviaria um especialista em crimes cometidos por assassinos em série. O clima na delegacia mudou imediatamente. Na cidade, pela primeira vez em semanas, havia esperança. Na manhã seguinte, o especialista enviado por Curitiba estava diante da equipe:

— Nunca se esqueçam de uma coisa: o autor desses crimes não tem um rosto específico. Pode ser o vizinho que lhe dá bom-dia todas as manhãs. Pode ser o padre. Pode ser o pastor da igreja...

Fez uma pausa e se voltou para um dos policiais.

— Pode ser seu pai.

— Impossível. O meu já morreu.

Alguém soltou uma breve risada. Elisa não. Sua expressão permanecia fechada.

— Edílson não veio até aqui para ouvir piadas. Veio nos ajudar a encontrar um assassino antes que outra mulher morra. Quero todo mundo prestando atenção.

O especialista ficou constrangido. Os demais policiais, não. Já estavam acostumados ao mau humor da delegada. Até poucos meses antes, Elisa era conhecida pela calma e pela educação. Tudo mudara depois do segundo assassinato. A pressão da investigação parecia consumi-la pouco a pouco. Edílson retomou a palavra:

— Assassinos como esse costumam agir de maneira metódica. Planejam cada passo e procuram manter o controle. Vamos analisar o perfil das vítimas.

Girou o notebook em direção à equipe. Na tela, surgiram as fotografias das três jovens.

— Existe um padrão evidente. Todas eram morenas, tinham cabelos e olhos escuros e idade entre vinte e vinte e cinco anos. Alguma pergunta? Alguma observação?

Ninguém respondeu. Edílson continuou:

— A escolha não parece estar relacionada a determinado ideal de beleza, mas a características físicas específicas. Também não encontramos sinais de violência sexual em nenhuma das vítimas.

Selecionou outra fotografia.

— Alguns assassinos sentem necessidade de deixar uma

assinatura, um detalhe destinado a desafiar os investigadores e demonstrar aquilo que consideram ser a incompetência da polícia.

A imagem da terceira vítima ocupou a tela.

– Vejam. Nosso assassino tatua um triângulo na pele das vítimas. Essa é sua assinatura. Ao transformar os crimes em um jogo, ele também assume riscos. E essa necessidade de nos desafiar poderá levá-lo ao erro.

Márcia ergueu a mão.

– O que esse triângulo pode significar?

– Estamos analisando algumas possibilidades.

Novak refletiu em voz alta:

– Talvez represente um triângulo amoroso.

– É uma hipótese. Pode representar um casal, com a vítima ocupando o lugar de um terceiro elemento. Mas, por enquanto, qualquer interpretação seria apenas especulação.

Natália fez outra pergunta:

– E se ele parou? E se essa foi a última vítima?

Edílson respondeu sem hesitar:

– Não podemos contar com isso. Assassinos em série podem interromper os crimes durante meses ou até anos, seja por medo, doença ou mudança de circunstâncias. Isso não significa que a compulsão tenha desaparecido. Enquanto estiver livre, devemos presumir que voltará a agir.

Um dos policiais perguntou:

– Essa frieza poderia fazê-lo parecer um bom policial?

– Parecer, talvez. Ele poderia demonstrar eficiência em determinadas situações justamente por não hesitar nem entrar em pânico. Mas não confundam frieza com competência.

Empatia, responsabilidade e capacidade de julgamento também são essenciais para um bom policial.

Após a reunião, Natália preferiu ficar sozinha. Inventou uma desculpa e recusou o convite dos colegas para almoçar com Edílson. Antes de encerrar a reunião, o especialista encarregara a equipe de ler um relatório elaborado por investigadores norte-americanos sobre um dos casos de assassinato em série mais famosos dos Estados Unidos. O criminoso era conhecido como Zodíaco. Cinco assassinatos haviam sido oficialmente atribuídos a ele, embora o próprio assassino afirmasse ter feito um número muito maior de vítimas. Jamais fora identificado. Enviava cartas provocativas aos jornais e zombava abertamente das investigações. Com o relatório em mãos, Natália caminhou até a biblioteca municipal. Precisava de silêncio para se concentrar. Foi então que o viu. O estranho do parque. Sentado em uma das poltronas, ele parecia completamente absorvido pela leitura de um livro enquanto tomava café. Natália escolheu um lugar a certa distância, abriu o relatório e se concentrou no trabalho

Naquela mesma tarde, em outra parte do Parque das Árvores, um desconhecido aproximou-se de Maíza:

— Importa-se se eu me sentar?

Maíza ergueu os olhos. O tom educado do homem à sua frente lhe agradou. Antes que ela respondesse, ele continuou:

— Gosto de vir aqui para relaxar e apreciar a paisagem. O problema é que, deste lado do parque, só existe este banco. Mas não quero incomodá-la.

Ela sorriu.

— Claro que não. Por favor, fique à vontade.

Ele se sentou na outra extremidade do banco e permaneceu em silêncio, contemplando o parque.

Depois de alguns instantes, Maíza perguntou:

— De que cidade o senhor é?

Ele se voltou para ela.

— Como adivinhou que não sou daqui?

— É que nunca o vi por aqui.

O desconhecido tornou a olhar para a paisagem.

— Sou de Pomerode. Já ouviu falar?

— Se já ouvi? Estive lá. É a cidade mais alemã do Brasil.

Ele sorriu discretamente.

— Aposto que visitou a...

— Vila da Neve — completou Maíza.

Ela observou o rosto dele com mais atenção.

— Engraçado... O senhor não parece alemão. Quero dizer, pelos traços.

Ele não respondeu. Voltou a concentrar-se na paisagem e, depois de alguns segundos, comentou:

— Cada cidade tem sua própria beleza.

— Venho aqui todas as tardes, sempre a esta hora. Sento-me neste banco e fico apenas pensando.

— O que a senhora faz é uma forma de terapia. Há uma frase de Carl Jung que diz: “Quem olha para fora sonha; quem olha para dentro desperta.”

Alguns minutos se passaram em silêncio. Então Maíza se levantou e se despediu.

Na manhã seguinte, o dia amanheceu chuvoso e assim permaneceu até perto do meio-dia.

— Vem almoçar com a gente?

Natália quase recusou. Queria reler o relatório sobre o Zodíaco, mas conteve o impulso. Precisava dar mais atenção

aos amigos.

— Onde vamos almoçar?

Os colegas sorriram, satisfeitos. Márcia tomou a dianteira:

— Você pode escolher.

Quando deu por si, Natália já havia sugerido o restaurante da biblioteca.

— De lá se tem uma vista única.

Foi então que todos repararam em Elisa. A delegada saiu de sua sala com uma expressão grave e parou ao lado de Novak.

— Hoje, o almoço é por conta da prefeitura. E será um almoço de trabalho. Há um assassino à solta nesta cidade. Precisamos conversar mais sobre isso.

Todos concordaram.

O almoço no restaurante do quarto e último andar da biblioteca começou em silêncio. Todos comiam depressa, como se estivessem ansiosos para retomar a investigação.

Quando os pratos estavam quase vazios, perguntas e hipóteses começaram a circular pela mesa. Ficou evidente que todos haviam estudado com afincos o caso do assassino que agira em São Francisco entre 1968 e 1969.

Entretanto, tudo o que haviam aprendido sobre o Zodíaco apenas tornava mais evidente o quanto desconheciam o Matador de Campo Belo.

O que significava o triângulo? Como ele se aproximava das vítimas? Seduzia-as ou empregava violência? Seria alguém da própria cidade?

Havia muito mais perguntas do que respostas.

Assim que terminaram de almoçar, Edílson recostou-se na cadeira.

— Em um de seus criptogramas, o Zodíaco escreveu: “Espero que vocês estejam se divertindo muito tentando me capturar.”

Olhou para cada um dos investigadores antes de concluir:

— Ele jamais foi identificado. Nem preso.

Pouco depois, o grupo se dispersou.

Natália desceu até o salão de leitura.

Ele estava lá novamente, com um livro aberto nas mãos.

Ela se aproximou.

— Estou atrapalhando a leitura?

Ele ergueu os olhos, sorriu e fechou o livro.

— De maneira nenhuma.

— Lembra-se de mim?

— Claro. A mulher do banco de pedra.

— Costumo correr no parque todas as manhãs. Moro em um apartamento de frente para ele.

— Então você tem uma das melhores vistas da cidade.

— Eu também acho.

Ela apontou para o copo descartável sobre a mesa.

— Corajoso. O café daqui é horrível.

Ele olhou para o copo e sorriu.

— Não é tão ruim assim. Acho que acabei me acostumando.

Natália também sorriu.

— Foi um prazer revê-lo.

Quando ela fez menção de se afastar, ele se levantou.

— Espero ter a sorte de encontrá-la novamente.

Natália sustentou o olhar dele por alguns segundos. Depois sorriu e se afastou.

No final daquela tarde, a chuva já havia cessado. Maíza voltou ao parque.

Enquanto caminhava, lembrou-se de uma frase que a mãe costumava repetir:

— Toda mulher sabe ser bonita quando quer.

Sempre que aquelas palavras lhe voltavam à memória, traziam consigo uma leve melancolia. Ouvira-as pela primeira

vez ainda criança e, mesmo naquela idade, compreendera o que a mãe queria dizer.

Maíza nunca se considerara especialmente bonita. Tinha cabelos e olhos negros e um corpo que julgava comum. Ainda assim, sabia sorrir no momento certo e tornar uma conversa agradável.

Foi então que o viu.

O desconhecido estava novamente sentado no banco onde haviam se encontrado.

Maíza permaneceu imóvel por alguns segundos. Depois sorriu discretamente.

(Por que não?)

Aproximou-se.

Capítulo 2

Márcia levou o trabalho para casa. Normalmente, evitava misturar a vida pessoal com a investigação, mas aquele caso já não lhe saía da cabeça.

Não permitiria que o Matador de Campo Belo se tornasse outro Zodíaco.

Espalhou os laudos de necropsia sobre a mesa.

Leu cada página novamente.

Depois, uma terceira vez.

Além do perfil físico, queria memorizar todos os detalhes.

As vítimas eram solteiras. Moravam sozinhas.

E os corpos sempre apareciam próximos às casas de seus familiares.

Márcia fechou os olhos por alguns instantes.

Ainda faltava alguma coisa.

Devia haver outro padrão.

Ligou o computador e abriu o perfil falso criado para a investigação:

Sara.

Uma jovem bonita, morena, de cabelos e olhos escuros. A maquiagem e a fotografia cuidadosamente editadas transmitiam uma impressão de vulnerabilidade.

Exatamente o tipo de mulher que poderia atrair o predador...

— Que diabo é isso, Márcia?

Ela quase caiu da cadeira.

Virou-se bruscamente.

Zé Celso observava a tela com uma mistura de espanto e curiosidade.

Márcia levou alguns segundos para recuperar o fôlego.

Depois cruzou os braços.

— Você ainda me mata do coração.

Ele apontou para o monitor.

— Desde quando você tem um perfil em aplicativo de namoro?

Ela tornou a olhar para a tela.

Depois sorriu.

— Desde que resolvi procurar alguém para ocupar o seu lugar.

Zé Celso arregalou os olhos.

Maíza despertou. Pelo que conseguira calcular, estava ali havia quase três semanas. O frio foi a primeira sensação. Depois veio a dor. Os pulsos ardiam sob as cordas. Tentou mover as mãos, mas os nós pareciam ainda mais apertados. Respirou fundo. O ar cheirava a madeira úmida e mofo. Continuava no mesmo lugar: escuro, silencioso, sozinha. Ou quase. Seu corpo permanecia caído no chão como um objeto sem valor. A mordaca machucava sua boca. Qualquer tentativa de mover a mandíbula fazia o tecido pressionar ainda mais seus lábios. Fechou os olhos. A imagem da mãe surgiu imediatamente. Estava morta havia anos, mas Maíza ainda podia ouvir sua advertência: (Filha... nunca fale com estranhos.) As lágrimas escorreram sem que pudesse contê-las. Queria apenas voltar para casa, sentir o abraço da mãe e ouvir sua voz mais uma vez. Tentou controlar o choro. Precisava pensar. Precisava encontrar uma maneira de sair dali. Então ouviu um ruído. Seu corpo inteiro se retesou. Passos lentos e firmes, cada vez mais próximos. O pânico tomou conta dela. A voz da mãe voltou à sua memória: (Filha... nunca fale com estranhos.) A maçaneta começou a girar lentamente. Do outro lado da porta, uma voz suave anunciou:

— A noite é uma criança.

Natália aproximou-se das vidraças que separavam o interior do restaurante do dia cinzento sobre a cidade. Permaneceu ali, observando o movimento no centro de Campo Belo. Até pouco tempo, teria visto apenas pessoas apressadas vivendo seus dias. Agora enxergava algo mais. Um mar. E, naquelas águas, havia um tubarão. Um predador à espreita. (Qual seria a presa ideal?) A cidade ainda acompanhava o caso de longe, como se o perigo não lhe pertencesse. Qualquer desaparecimento prolongado, sobretudo de uma jovem com o perfil das vítimas, levaria alguém a procurar a polícia. A menos que ela morasse sozinha. Nesse caso, quanto tempo levariam para perceber sua ausência? A advertência de Edílson voltou à sua memória: “Ele jamais foi identificado. Nem preso.”

Desanimada, Natália tornou a olhar para as mesas. Não sentia fome. Decidiu voltar à delegacia. Já no térreo, viu novamente o homem do parque e se aproximou.

— Desta vez, não estou vendo um café em sua mão.

Ele se levantou e respondeu em voz baixa:

— Você tem razão. Aquele café de máquina é horrível.

Diga-me: onde consigo um café caseiro aqui em Campo Belo?

Natália permaneceu alguns segundos olhando para ele antes de responder:

— Depois do almoço, sempre vou a uma cafeteria aqui perto.

— Que inveja.

Ela sorriu.

— Então venha comigo. Vamos tomar um café de verdade.

Ele fechou o livro, e os dois atravessaram a rua em direção a uma pequena cafeteria. Sentaram-se junto à janela. Foi Natália quem rompeu o silêncio. Apontou para o livro.

— O que está lendo?

Ele virou a capa em sua direção.

— Resolvi começar este hoje.

Natália reconheceu o título imediatamente.

— Excelente escolha. Faz tempo que um livro não me prendia tanto.

— Então espero ter feito uma boa compra.

— Fez. Só não vou contar o final.

Ele sorriu. Nesse momento, a atendente se aproximou.

— Vão pedir alguma coisa?

Brenner olhou para Natália.

— Vai querer acompanhar o café com alguma coisa?

— Não, obrigada. Não estou com fome hoje.

Depois que os cafés chegaram, permaneceram alguns instantes observando o movimento tranquilo da rua. Então Natália comentou:

— Acabei de perceber uma coisa.

— O quê?

— Ainda não sei seu nome.

Ele sorriu e estendeu a mão.

— Brenner.

Ela apertou a mão dele.

— Natália.

— Na verdade, ainda não conheço praticamente nada da cidade. Você saberia me indicar um bom restaurante?

Quando terminaram o café, saíram caminhando pelas ruas tranquilas de Campo Belo.

Natália pensou que não era do seu feitio aceitar tão facilmente a companhia de alguém que conhecera havia tão pouco tempo.

Quando se despediram, Brenner apontou discretamente na direção do Parque das Árvores.

— Amanhã cedo?

— Amanhã cedo.

Ela chegou cedo ao Parque das Árvores e avistou Brenner ainda à distância. Ele sorriu assim que a viu. Natália percebeu.

— Então você trocou as praias do Rio por um parque no interior do Paraná?

— Na verdade, costumo correr no Parque Barigui.

Ela franziu a testa.

— Em Curitiba?

— Faz quase um ano que moro lá. Fui transferido.

— Então Campo Belo ficou bem mais perto.

Ele apontou para a trilha.

— Hoje você me apresenta o restante do parque?

— Com prazer.

Começaram a correr. Durante os primeiros minutos, conversaram pouco. O som dos passos sobre a terra úmida e o canto dos pássaros preenchiam o silêncio entre eles. Depois de cerca de vinte minutos, Brenner reduziu o ritmo.

— Vamos caminhar um pouco?

Natália sorriu.

— Cansou?

— Seu preparo físico é melhor que o meu.

Ela riu.

— Descanse. Ainda falta bastante.

Pararam diante de um pequeno jardim circular, contornado por um banco de pedra. No centro, havia a

estátua de um magnífico cavalo em tamanho natural, apoiada sobre um pedestal de granito. Brenner se aproximou e leu a inscrição: “Barão Vermelho. Campeão Nacional. 2012.”

— Bonito animal.

Natália caminhou até ficar ao lado dele.

— Existe uma história curiosa sobre esse cavalo.

Ele se voltou para ela.

— Que história?

— O cavalo morreu poucos dias depois de conquistar o campeonato. Alguns moradores juram que o dono mandou empalhá-lo para preservá-lo exatamente como estava no auge da carreira.

Brenner olhou novamente para o cavalo.

— Espero que seja apenas uma lenda.

Ela sorriu.

— Também espero. O mais provável é que tenha morrido de alguma doença. Mas, em cidade pequena, toda história acaba ficando um pouco maior do que realmente foi.

Ele permaneceu alguns segundos observando a estátua.

— Acho que toda cidade precisa de suas próprias lendas.

— Concordo.

Ela apontou para a trilha.

— Vamos?

Quando encerraram o percurso, quase quarenta e cinco minutos depois, Brenner respirava profundamente.

— Agora entendi por que você faz esse percurso todos os dias.

— E aí? Valeu a pena?

Ele olhou ao redor.

— Muito.

Fez uma pequena pausa.

– Os jardins... o mirante... a tranquilidade...

Depois sorriu.

– E a companhia também ajudou.

Natália consultou o relógio.

– Preciso ir. Ainda tenho tempo de passar em casa antes do trabalho.

– Eu posso levá-la.

– Não precisa.

– Faço questão.

Ela hesitou por um instante.

– Tudo bem.

Caminharam até o estacionamento. O carro de Brenner chamou a atenção de Natália: era um BMW branco e esportivo. Ela entrou. No caminho até seu apartamento, conversaram sobre livros, música e viagens. Quando chegaram, Natália abriu a porta do carro.

– Espere só alguns minutos.

– Fique tranquila.

Ele ergueu o celular.

– Vou aproveitar para responder a alguns e-mails.

Ela gostou da delicadeza. Poucos minutos depois, Natália retornou, e eles seguiram em direção ao centro. Durante o trajeto, Brenner comentou:

– Vim visitar algumas agências do Banco da região.

– Vai ficar muito tempo por aqui?

– Não importa. Vou voltar sempre que puder.

Poucos minutos depois, Brenner estacionou diante de um prédio discreto. Ela apontou para a fachada.

– É aqui.

Ele ergueu os olhos. Na placa, lia-se: “Polícia Civil do Estado do Paraná.” Brenner tornou a olhar para ela. Um sorriso surgiu lentamente em seu rosto.

– Então era esse o mistério.

Natália abriu a porta.

– Surpreso?

– Um pouco.

Ela saiu do carro e, antes de se despedir, apoiou-se na janela.

– Agora já sabe por que consigo acompanhar seu ritmo.

– Faz sentido.

Ela sorriu.

– Então, cuidado. Não quero ter o trabalho de prender você.

Ele riu.

– Vou me comportar.

O celular de Natália tocou. Era a delegacia. Ela atendeu.

– Encontraram outro corpo.